

CENTRALIDADE URBANA E RESISTÊNCIAS SOCIAIS NA CONURBAÇÃO CUIABÁ-VÁRZEA GRANDE

*Urban Centers and Social Resistances in the Cuiabá-Várzea Grande
Conurbation*

*Centralidad Urbana y resistencia social en la Conurbación Cuiabá-Várzea
Grande*



Rosinaldo Barbosa SILVA – Doutor em Geografia pela Universidade de Brasília (UNB); Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Licenciado e Bacharel em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Brasília, DF, Brasil. ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0003-2865-6434>
URL: <http://lattes.cnpq.br/2918673871308472>
EMAIL: rosinaldo519@gmail.com

RESUMO

A cidade cria uma situação urbana, formada pela diversidade das relações sociais, manifestadas através da união, reciprocidade e resistências. A formação de centros e centralidades depende da produção do espaço urbano e da reunião dos elementos sociais. A cidade e o urbano, por sua característica centralizadora dos meios de produção e dos produtos das relações de trabalho, possibilitam a produção dos centros urbanos. Estes tornam-se mais do que um mero aglomerado dos meios de produção ao se realizar como o lugar de resistência, revelada pela centralidade social. Deste modo, este artigo aborda sobre o processo de produção de centro e centralidades sociais na Conurbação Cuiabá-Várzea grande. Valoriza as falas dos moradores/trabalhadores e problematiza a perda da centralidade social - o lúdico, a coletividade e o uso social. Os objetivos deste artigo são: conceituar centralidade; identificar a produção de centro e centralidades urbanas na prática social concreta e movente; compreender a relação entre a produção de centro e a reprodução da vida. A metodologia é composta de reflexão e definição conceitual, produção cartográfica e entrevista semiestruturada com moradores dos centros urbanos e lideranças sociais. Os principais resultados desta pesquisa evidenciam as precárias relações de trabalho, degradação da vida humana, coerção das ações de resistências sociais e denegação de direitos. Aborda-se as potencialidades abertas pelo entendimento da centralidade urbana enquanto possibilidade para gestão coletiva, apropriação dos bens produzidos socialmente e formação de uma agenda anticapitalista.

Palavras-chave: Dinâmica urbana; Centro; Apropriação social.

Histórico do artigo

Recebido: 25 maio, 2020

Aceito: 29 julho, 2020

Publicado: 31 agosto, 2020

ABSTRACT

The city creates an urban situation which is formed by the diversity of human relations and manifested through union, reciprocity, and social resistances. The formation of centers and centralities relies on the production of urban space and on the assembly of socially constructed elements. Due to the centralizing characteristic of the means of production and the products of work relations, the city and the urban enable the production of urban centers. The latter becomes more than a plain conglomerate of means of production once it acts as a place of resistance, acknowledged by the social centrality. Thus, this article addresses the processes of center production and social centralities in the Cuaibá-Várzea Grande conurbation. It highlights the speakers/residents' speeches and problematizes the loss of social centrality – the ludic, the collectivity and the social use. This article aims to: conceptualize centrality; identify the social production and the urban centralities in social practices (concrete and moving); understand the relationship between center production and life reproduction. The methodology consists of critic analysis and conceptual definition, cartographic production and semi structured interviews with urban centers' residents and social leaders. The main results of this research expose the precarious work relations, human life degradation, coercion of social resistances actions and denial of rights. The potentialities given by the linking of urban centrality to a possibility of popular management, collective appropriation of socially produced goods and the formation of an anti-capitalist agenda is herein approached.

Keywords: Urban dynamics, Urban center; Social appropriation.

RESUMEN

La ciudad crea una situación urbana, formada por la diversidad de las relaciones sociales, manifestada a través de la unión, la reciprocidad y la resistencia. La formación de centros y centralidades depende de la producción del espacio urbano y la recolección de elementos sociales. La ciudad y lo urbano, debido a su característica centralizadora de los medios de producción y los productos de las relaciones laborales, permiten la producción de centros urbanos. Estos se convierten en algo más que una simple aglomeración de los medios de producción cuando se realizan como el lugar de resistencia, revelado por la centralidad social. De esta manera, este artículo aborda el proceso de producción de los centros sociales y las centralidades en la Cuiabá-Várzea grande Conurbação. Valora los discursos de los residentes / trabajadores y problematiza la pérdida de la centralidad social: diversión, colectividad y uso social. Los objetivos de este artículo son: conceptualizar la centralidad; identificar la producción de centros urbanos y centralidades en prácticas sociales concretas y móviles; Comprender la relación entre la producción del centro y la reproducción de la vida. La metodología consiste en reflexión y definición conceptual, producción cartográfica y entrevistas semiestructuradas con residentes de centros urbanos y líderes sociales. Los principales resultados de esta investigación muestran las relaciones laborales precarias, la degradación de la vida humana, la coerción de las acciones de resistencia social y la negación de los derechos. Se aborda el potencial abierto por la comprensión de la centralidad urbana como una posibilidad para la gestión colectiva, la apropiación de bienes producidos socialmente y la formación de una agenda anticapitalista.

Palabras-clave: Dinámica urbana; Centro; Apropiación social.

1 INTRODUÇÃO

A produção de centros urbanos, sejam eles, comerciais, financeiros, culturais ou científicos, remete à noção da produção do espaço urbano. Qual é, então, o sentido da cidade, da urbanidade e da centralidade social, quando o projeto maior do Estado e das

elites econômicas/políticas, é conduzir o avanço da fronteira agrícola e o crescimento econômico? Nesse sentido, a reestruturação produtiva capitalista promovida em Mato Grosso se realiza pela profunda transformação da vida das pessoas, submetendo-as a trabalhos degradantes, à expropriação de suas terras e, enfim, à acumulação por espoliação, processo que revela a dominação de classes e permite, conseqüentemente, a reprodução das relações sociais de produção.

Nesse sentido, a compreensão da produção de centro e centralidade urbana neste trabalho, constitui-se a partir da noção de totalidade das relações sociais estabelecida pela lógica de reestruturação produtiva e do próprio capital. Esse entendimento fundamenta-se nas formulações teóricas de Harvey (2013), que traz conceitos importantes para compreensão da estagnação, colapso e crises econômicas, inclusive ao refletir sobre a “acumulação por despossessão”, bem como as manifestações de resistências sociais por meio da “formulação da luta anticapitalista”.

Outro autor de destaque neste trabalho é Lefebvre (1973) e (2008), basilar para nesta investigação, para o entendimento da produção de centro e centralidade urbanas dentro do movimento de reestruturação produtiva, compreendendo a totalidade social a partir do conhecimento da “reprodução das relações sociais de produção” Lefebvre (1973). Destaca-se a apreensão da centralidade neste trabalho como um movimento social contraditório, de duas lógicas distintas; uma voltada ao crescimento econômico (troca) e outra direcionada à coletividade social (uso). Elas manifestam-se na realidade como interpenetração de lógicas contrárias, que se revelam e se ocultam na prática real, concreta e movente. A centralidade para o autor prevalece o seu caráter social: encontro; sociabilidade; apropriação social da centralidade, manifestada pelas resistências, lutas para conquista do direito à cidade e a centralidade em sua plenitude, ou seja, para além da conquista de direitos sociais, a fim de alcançar a realização humana e transformação social.

De porte dessa contextualização, compreende-se o processo de colonização recente de Mato Grosso que se reporta ao processo de transformação da agricultura brasileira e das lógicas distintas de produção espacial. De um lado, o Estado, com os projetos capitalistas representados pelos grileiros latifundiários e empresários da agropecuária, sobretudo do Centro Sul do país, grupos econômicos nacionais e internacionais em busca da reprodução do capital; de outro, trabalhadores de várias localidades em busca da reprodução da vida, sejam eles colonos, posseiros, peões ou moradores de núcleos urbanos, inseridos de maneira precária e degradante no processo de reestruturação capitalista. Assim, a produção de centro na Conurbação, realizada pelos

moradores destituídos de direitos sociais, subjugados pelos mandos e desmandos dos detentores da propriedade privada da terra e dos meios de produção, que o revela o processo histórico da formação de uma centralidade concomitantemente social e periférica, no contexto de expansão da fronteira agrícola e da reprodução do capital.

Este artigo é fruto de parte de um capítulo da pesquisa de tese e apresenta algumas discussões e resultados. A investigação de tese possui o seguinte enunciado: o processo de reestruturação produtiva capitalista produz centros urbanos como condição necessária para a reprodução do capital, criando novas práticas da centralidade social. Os objetivos deste artigo são: conceituar centralidade; identificar a produção de centro e centralidades urbanas; compreender a relação entre a produção de centro e a reprodução da vida. Aborda-se potencialidades da centralidade social, marcadas pelo valor de uso e apropriação social.

Este trabalho está dividido em três partes, na primeira, apresenta-se os procedimentos metodológicos, na segunda, situa-se os conceitos de centro e centralidade, compreendendo-os dentro do processo de reestruturação produtiva. Posteriormente, analisa-se os dados empíricos qualitativos, concretizados por meio de realização de entrevistas semiestruturadas com os trabalhadores urbanos que vive/vivenciaram o processo de avanço da fronteira agrícola. Evidencia-se ainda na segunda parte, a compreensão da constituição da centralidade social na Conurbação Cuiabá-Várzea Grande, com recorte analítico em que destaca-se o Bairro Cristo Rei, o Ocupa Cristo Rei Skate Parque, o Slam do Capim Xeroso e a Central Única dos Trabalhadores de Mato Grosso – CUT/MT. A terceira e última parte refere-se às reflexões finais deste trabalho.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia é composta por quatro procedimentos. O primeiro trata-se da abordagem conceitual a respeito da temática; o segundo refere-se às elaboração do mapa de localização, o terceiro diz respeito à realização de entrevistas semiestruturadas com os moradores e algumas lideranças sociais da Conurbação. O quarto procedimento trata-se pesquisa de notícias sobre as manifestações sociais e protestos, realizadas pelos grupos pesquisados.

Para a realização do segundo procedimento, foram utilizados o software ArcGis e a as bases cartográficas (*shapefiles*) disponibilizadas pelo IBGE do ano de 2019. Os mapas foram confeccionados com o Sistema de Referência Geocêntrico para as Américas -

SIRGAS 2000, sendo que este é o sistema de referência geodésico para o Sistema Geodésico Brasileiro (SGB) e para o Sistema Cartográfico Nacional (SCN), conforme a Resolução Nº 1/2005 do IBGE¹. Para elaboração do mapa de localização da Conurbação utilizou-se as bases cartográficas da prefeitura municipal de Várzea Grande e de Cuiabá.

O terceiro procedimento envolveu a realização de entrevistas semiestruturadas com lideranças do Ocupa Cristo Rei Skate Parque, do Slam do Capim Xeroso, Central Única dos Trabalhadores de Mato Grosso – CUT/MT e com transeuntes da área central da Conurbação durante o mês de janeiro de 2018, especificamente no Centro histórico Cuiabá, de Várzea Grande, no centro do Bairro Cristo Rei (onde localiza-se a Br Foods). Pretendia-se realizar as entrevistas nas casas dos moradores, mas encontrou-se dificuldades, principalmente no Centro de Cuiabá e Várzea Grande, onde muitos negavam a nos ceder tempo e atenção. No centro do Cristo Rei, tivemos mais receptividade, por isso, a maior parte das entrevistas com os moradores se deu nessa localidade. No total, foram realizadas 30 entrevistas com média de 25min de duração. Criou-se codinomes a fim de garantir o anonimato dos sujeitos entrevistados. As entrevistas foram transcritas nos meses de fevereiro e março de 2018 e compõem os principais dados qualitativos desta pesquisa, a partir dos quais pretende-se compreender como os moradores se relacionam com o centro urbano e como ocorrem as mudanças sociais na produção da centralidade urbana.

O quarto procedimento trata-se pesquisa de notícias sobre as manifestações sociais e protestos, realizadas pelos grupos pesquisados, vale ressaltar que as fotos utilizadas neste trabalho são das fontes consultadas. Todas essas fases contribuíram para embasamento teórico e prático para a compreensão da dinâmica da produção de centralidades e precarização do trabalhador.

É fundamental destacar que a área de estudo é a Conurbação Cuiabá-Várzea Grande. Entanto, por causa das dificuldades na realização das entrevistas semiestruturadas, pode-se perceber, as vezes, uma análise ora mais focada na Conurbação, ora focada mais em uma das cidades, porém, sem comprometer as diversas possibilidades de análise aqui realizadas.

¹ Disponível em:

<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:MZRY4SiVXa4J:ftp://geoftp.ibge.gov.br/metodos_e_outros_documentos_de_referencia/normas/rpr_01_2015_sirgas2000.pdf+&cd=3&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> Acesso, julho 2020.

3 CENTRALIDADE URBANA

A compreensão da produção de centro e centralidade urbana neste trabalho constitui-se a partir da noção de totalidade das relações sociais estabelecida pela lógica de reestruturação produtiva e do próprio capital. A reestruturação se estabelece como resposta à estagnação, colapso e crises econômicas, através dela os grupos dominantes realizam diversos investimentos, inclusive na cidade, o que contribui para a produção de centros urbanos. Harvey (2014) evidencia tal movimento ao identificar que a reestruturação produtiva capitalista desencadeada para enfrentar a crise de 1848 significou o direcionamento de programas estatais para investimentos em infraestrutura urbana, tal como aqueles encaminhados por Georges-Eugène Haussmann, responsável pela modernização e produção de novas centralidades em Paris. Esses exemplos foram seguidos pelos Estados Unidos para superação da Crise econômica de 1930, que gerou o processo de gentrification, criando novos usos e novas relações sociais. É nesse sentido, para o autor que o investimento na cidade tem desempenhado um papel crucial na estabilização do capitalismo global.

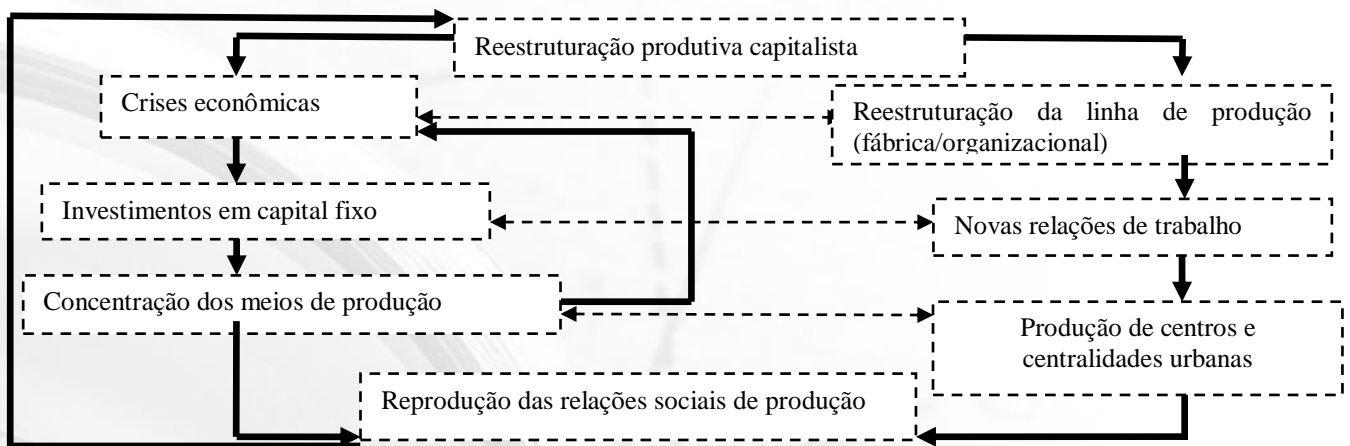
Autores como Harvey (2013) e Lefebvre (1973) afirmam insistentemente que Marx (2001) prezava pela análise da sociedade capitalista em sua totalidade, mas que, por conta da própria incompletude das ideias que apresenta na obra “O capital”, o autor analisava a reestruturação produtiva do chão de fábrica *strictus sensus*, deixando, deste modo, de dar acuidade ao movimento de “reprodução das relações sociais de produção”, temática abordada por Lefebvre (1973). Não obstante, os elementos-base para o desenvolvimento das ideias de Lefebvre (1973) já estavam postos em Marx (2011), na noção de que a totalidade do movimento de reprodução do capital e da sociedade se realiza pelo consumo, ganhando todas as esferas da vida social. As contribuições de Marx (2011) e, posteriormente, de Lefebvre (1973), foram fundamentais para estabelecermos a relação entre o movimento de crescimento econômico de Mato Grosso e a produção de centros urbanos, posto que, na sociedade contemporânea, esta produção tem se intensificado como lugar de trocas de mercadorias e de consumo, em que prevalece o quantitativo e o valor de troca, de maneira a preterir o qualitativo, o valor de uso, o movimento e o conflito. Dessa forma, as práticas sociais da produção de centros podem apresentar as relações de trocas de mercadoria de maneira automática, banalizada, repetitiva e acrítica, ocultando a lógica da reestruturação produtiva do capital envolvida na produção de centros urbanos.

Essa produção envolve a forma, o racional, os conteúdos sociais e aquilo que não

se prende à forma, pois compreende o dever social. Nesse sentido, a reestruturação produtiva do capital, em seu movimento de reorganização das relações de produção – dentro dos ambientes de produção – ganha novas configurações com as crescentes necessidades de reprodução do capital, que se expande na determinação social como um todo pela realização do consumo, abarcando a vida social para além das relações de trabalho propriamente ditas. O consumo se realiza nas relações sociais, inclusive no atendimento das necessidades básicas do ser humano, como alimentar-se, vestir-se e morar, isto é, de reproduzir-se enquanto espécie humana. Mas a lógica do consumo tem transformado as necessidades humanas em mercadorias, determinando as nossas relações sociais pelo valor de troca.

A maior parte das trocas de mercadorias se concretiza nos centros urbanos. Neles, concentram-se as instituições financeiras, os órgãos do Estado, as lojas comerciais, os estabelecimentos de serviços, pessoas e informações. Para que se produzam, no campo, produtos agrícolas como soja, milho, algodão, dentre outros, são necessários investimentos financeiros no urbano, ou seja, em bancos, instituições de créditos, órgãos estatais que tendem a se localizar nos centros urbanos – tradicionais ou não –, bem como nos centros econômicos e/ou políticos. Dessa forma, a reestruturação capitalista estabelece-se tanto no campo quanto na cidade, contribuindo para a produção de centros urbanos na medida em que produz transformações na sociedade, reorganizando as relações de trabalho e o processo de produção de mercadoria, bem como promovendo os investimentos em capital fixo que formam os aglomerados e centros urbanos. A concentração dos meios de produção em determinados lugares da cidade estabelece os centros urbanos ligados aos comandos das classes dominantes. Tais centros são produzidos pelas relações sociais da centralidade, mediadas principalmente pelo valor de troca, a fim de completar o ciclo do capital - produção-circulação-troca-consumo -, e por consequência, da produção de mercadorias através da sua realização pelo consumo, um ciclo, um movimento real e concreto (figura 01).

Figura 01 – Mapa conceitual² da reestruturação produtiva e produção de centros e centralidades



Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de Lefebvre (1973) e Harvey (2013).

Identificamos, portanto, que o processo de reestruturação produtiva capitalista modifica as relações de produção de mercadorias e promove os investimentos em capitais fixos que possibilitam a formação de aglomerados e centros com predomínio do valor de troca (consumo), transformando a centralidade urbana e o valor de uso. Possibilita, ainda, a ampla reprodução das relações sociais de produção, a realização da reestruturação produtiva e manutenção da sociedade capitalista, compondo o devir social em um constante processo de reestruturação e produção de novas práticas sociais. Nesse sentido, compreendemos os conceitos de reestruturação produtiva capitalista, produção de centros e centralidades neste trabalho como um movimento social contraditório, de duas lógicas distintas; uma voltada ao crescimento econômico (troca) e outra direcionada à coletividade social (uso). Elas manifestam-se na realidade como interpenetração de lógicas contrárias, que se revelam e se ocultam na prática real, concreta e movente.

A definição de centralidade urbana pode ser tida inicialmente como forma que deve ser preenchida pelo social: “O que é centralidade (urbana social)? Uma forma, aquela da reunião, do encontro, da simultaneidade. De quê? De tudo o que pode se reunir, se encontrar, se acumular. A forma pode e deve ser preenchida” (LEFEBVRE, 2008, p. 124). Nesse sentido, forma e conteúdo não se separam, visto que a produção do centro e da

² Mapas conceituais são apenas diagramas indicando relações entre conceitos. Utiliza-se neste trabalho como recurso visual, isto é, não pretendemos criar um modelo fechado da realidade movente. “Embora normalmente tenham uma organização hierárquica e, muitas vezes, incluam setas, tais diagramas não devem ser confundidos com organogramas ou diagramas de fluxo, pois não implicam sequência, temporalidade ou direcionalidade, nem hierarquias organizacionais ou de poder” (MOREIRA, 1997, p. 01).

centralidade acontece no movimento social que envolve a complexidade, o movimento. Esse movimento social evidenciará, em cada período, as determinações do modo de produção que definirá o seu próprio centro e sua própria centralidade: “Assim, cada época, cada período, cada modo de produção suscitou (produziu) sua própria centralidade: centro político, comercial, religioso etc.” (Idem, p. 124). Desse modo, a produção de centro e centralidades urbanas é determinada pelas relações sociais de produção, isto é, a produção de centros na sociedade capitalista tende a revelar o econômico na medida em que as trocas de mercadoria tendem a revelar o movimento social da produção de centros pelas centralidades urbanas.

A definição de centralidade enquanto forma espacial e conteúdo da prática social abarca um movimento dialético: “a centralidade é então uma forma, nela mesma vazia, mas que chama um conteúdo; objetos, seres naturais ou artificiais, coisas, produtos e obras, signos e símbolos, pessoas, atos, situações, relações práticas” (LEFEBVRE, 2000, p. 964).

A centralidade, assim, revela-se no movimento de produção de centros urbanos, seja na produção de centros comerciais e racionalizados ou simbólicos, e produção do centro remete à constituição de uma outra centralidade, a social: “não existe realidade urbana sem centros, quer ela se trate do centro comercial (que reúne produtos e coisas), do centro simbólico (que reúne significações e as torna simultâneas), do centro de informação e de decisão etc” (LEFEBVRE, 2008, p. 85). O autor defende a ideia de que todo centro destrói a si próprio, pela saturação e porque remete a uma outra centralidade. Esta, é a social, do encontro, da sociabilidade e da apropriação social. Por ser dialética, a centralidade reúne tudo, constituindo-se pelo aspecto racional, matemático, cartesiano, formal, mas também pelos signos da reunião, do encontro e sociabilidade que se realizam no espaço concreto e social:

A centralidade, que concerne às matemáticas, concerne também ao drama. Ela os reúne como reúne tudo, inclusive os símbolos e signos (entre eles os da reunião). Os signos do urbano são os signos da reunião: as coisas que permitem a reunião (a rua e superfície da rua, pedra, asfalto, calçada etc.) e as suas estipulações da reunião (praça, luzes etc.) (LEFEBVRE, 1999, p. 111).

A cidade cria uma situação urbana formada pelas coisas diferentes, pelas relações sociais, e o urbano revela a união das diferenças e a reciprocidade das relações sociais. A formação de centros e centralidades depende da produção do espaço urbano e da reunião dos elementos sociais. A cidade e o urbano, por sua característica centralizadora dos meios

de produção, dos produtos das relações de trabalho e da diferença, possibilitam a produção dos centros urbanos, que se tornam mais do que um mero aglomerado dos meios de produção. Sem negá-los, a centralidade se constitui permeada por relações de encontro com o outro, com o diferente, em que a essência das relações sociais se manifesta através da reciprocidade, dos conflitos e contradições entre a lógica social de uso e a lógica econômica do valor de troca.

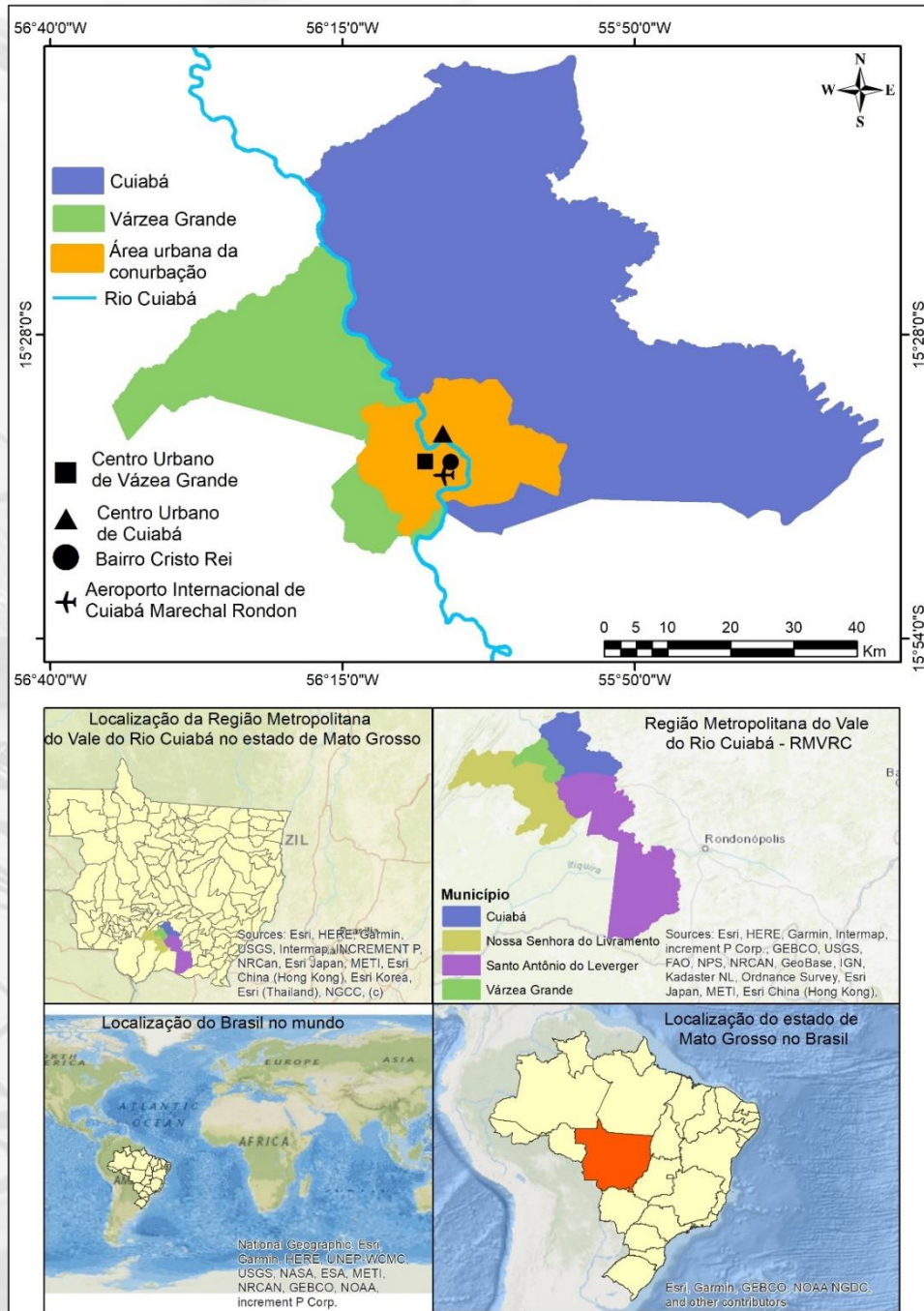
Os conflitos podem surgir das relações sociais, das divergências de interesse pelo uso social do centro e da centralidade urbana, calculado no valor de troca, sobrepondo o interesse comum acerca do valor de uso, o que requer uma tomada de decisão coletiva, um consenso precedido por um dissenso. Tais conflitos revelam contradições e as lutas de classes frente à dominação política e econômica dos grupos mais abastados. Esse processo aponta para a destituição do sentido de centralidade urbana e para o uso coletivo de maneira igualitária, pois a definição da centralidade remete à apropriação social. Na produção da centralidade contemporânea, prevalece o valor de troca, cujo domínio impõe limites ao corpo, impedindo a realização do valor do uso social, visto que a possibilidade de usos, de ir e vir não são as mesmas para todos (SPOSITO 2013, p. 74). O papel que se atribui à cidade contemporânea é o de concentrar os fatores de produção, o capital e o trabalho, baseando-se na estrutura política pelo aspecto legal, via instituição e Estado, legitimando as ações de grupos dominantes (empresariais e políticos) na produção de centro e centralidade urbana.

3.1 A centralidade social – Bairro Cristo Rei

O centro urbano é produzido pelas relações sociais estabelecidas ao longo do tempo e do espaço geográfico. Sendo assim, abordaremos sobre o processo de produção de centro e centralidades urbanas no bairro Cristo Rei, valorizando as falas dos moradores/trabalhadores entrevistados. O bairro Cristo Rei é o mais populoso da cidade de Várzea Grande, situado entre o Aeroporto e o Rio Cuiabá, dois limites que circundam a localidade. Pela geografia do lugar, as pessoas do bairro possuem maior facilidade de acesso ao Centro de Cuiabá (ver mapa de localização da conturbação na figura 02). E, possivelmente por dificuldades de locomoção e acesso ao Centro de Várzea Grande, a comunidade criou uma significativa centralidade comercial e social ao urbanizar o bairro. É importante destacar que muitos dos moradores que autoconstruíram suas casas viviam em situações precárias em outras localidades da Conurbação Cuiabá-Várzea Grande, e

encontraram, no Cristo Rei, a esperança de maiores possibilidades para reprodução da vida, como é o caso da entrevistada de Aline.

Figura 02 – Mapa de localização da Conurbação Cuiabá-Várzea Grande MT, 2020



Fonte: Prefeitura municipal de Cuiabá (2012), de Várzea Grande (2013), SECOPA (2012), SEPLAN (2007). Elaborado pelo autor (2020).

Aline nasceu em Barra do Bugres, onde viveu até os cinco anos de idade. Sua mãe é cozinheira, servidora pública na área da educação, e seu pai trabalhava em uma

panificadora. Eles mudaram provisoriamente para a casa do avô, no bairro Porto, em Cuiabá, na Rua Senador Metelo, que dá acesso à Avenida Miguel Sutil e faz limite entre o bairro Porto e o Centro Sul. Ela se lembra de Cuiabá por volta de 1975, quando a Prainha ainda possuía o córrego aberto e a paisagem era diferente, as ruas do centro possuíam asfalto e havia intenso comércio no centro de Cuiabá.

Aline se lembra, também, do trajeto que fazia diariamente para chegar à escola, perto da Igreja São Gonçalo (Porto), que frequentava aos domingos com a família. Ela relata que costumava ficar um pouco na praça, localizada nas imediações, para se divertir e encontrar os conhecidos, mas reconhece que não fazia muitas coisas por ali, pois sua rotina submergia nas atividades cotidianas. Na década de 1980, sua mãe obteve uma moradia própria (casa da Cohab) no CPA 3, após se inscrever no programa de habitação do Estado, local onde viveram por mais de 20 anos, de maneira que sua família fez parte do processo de produção do lugar, relacionando-se com novas centralidades que surgiam no CPA II, além do centro da cidade: “não eram todas as ruas que tinham asfaltos, tinha dificuldade para ir ao supermercado, a gente ia ao CPA II, aonde já era um bairro de uns 10 anos, lá já tinha mercado, lanchonete, aí a gente ia e se deslocava para lá ou ia para o centro de ônibus” (Aline, informação verbal – 2018).

Embora Aline e sua família passassem por diversas dificuldades de locomoção e de acesso aos serviços e equipamentos urbanos, ela não se lembra de organização de lideranças de bairros que extrapolassem ações sociais para entrega de tíquete de leite, pesagem das crianças e/ou algumas reuniões comunitárias para discutir sobre iluminação, saneamento básico e cobrar do poder público outras benfeitorias para o bairro. Aos 22 anos de idade, Aline mudou-se para o bairro Jardim União, no Parque do Lago em Várzea Grande (próximo ao bairro Cristo Rei), para uma moradia obtida por herança, onde morou por mais de 20 anos. Para resolver as demandas cotidianas (bancos, posto de saúde), ela se deslocava para o centro do Cristo Rei, onde era mais fácil de se chegar e bem mais perto do que o Centro de Várzea Grande, lugar que ela raramente frequenta. Em 2016, Aline mudou-se para o centro do Cristo Rei, lugar onde geralmente encontra tudo o que procura, facilitando sua mobilidade: “Aqui para mim é ótimo, porque aqui tem tudo, desço lá no centro da cidade se eu quiser, mas aqui tem tudo, tem loja, tem banco, tem onde comer, quase não vou ao centro de Várzea Grande” (Aline, informação verbal – 2018). Em se tratando de cultura, lazer e espaços públicos para reunião e encontro no centro, porém, ela diz que só na praça tem eventos desse tipo, às vezes.

Aline trabalhou por sete anos na empresa Terceirize e por três anos e seis meses

na Forte Sul, atuando na área de serviços gerais de ambas as empresas. Na Terceirize, seus direitos trabalhistas foram garantidos. Entretanto, ela precisou acessar a Justiça do Trabalho para obter os direitos trabalhistas na Forte Sul, pois a empresa abriu falência. O seu cotidiano se circunscrevia à rotina de trabalho na empresa e, posteriormente, em casa, às atividades domésticas. Com o seu salário, ela complementava a renda familiar para reprodução da vida em família, visto que ela é mãe de três filhos, hoje adultos e empregados: um deles trabalha como pintor, outro como vigilante e o terceiro faz “bicos”. Quando perguntamos sobre a rotina de trabalho e questões salariais, a entrevistada dizia que era tudo muito bom, tinha os setores para limpar e tinha um salário bom. Atualmente, a entrevistada está desempregada desde 2016, e encontra dificuldades para se inserir no mercado de trabalho. Ela sonha em conseguir terminar o ensino médio no período noturno durante esse tempo.

Assim como Aline, outros moradores estabeleceram moradia em diversos lugares da Conurbação, assumindo variados postos de trabalho, tal como Catarina, 68 anos, fotógrafa, nascida na Bahia. Ela morou no Rio de Janeiro e depois, em 1960, mudou-se para a cidade de Dom Aquino, interior de Mato Grosso, e depois para Várzea Grande em 1979. Naquela época, segundo ela, a avenida da FEB era só poeira, e o bairro Cristo Rei, onde ela reside, possuía apenas quatro ruas. O “passa tempo” dos finais de semana era ver a corrida de animal organizada em uma das ruas do lugar cercado por pasto. As lembranças de Catarina do centro de Várzea Grande e Cuiabá remetem aos seus penosos percursos diários de ônibus, intercalados por longas caminhadas, oferecendo os seus serviços de fotografia de casa em casa. Ela acompanhou distantemente as transformações na Prainha, viu quando colocaram lajota no “Córrego da Prainha”.

A Praça da República e o museu de pedra eram para ela lugares de encontro, onde conheceu as primeiras pessoas em Cuiabá, entre as idas e vindas ao trabalho. A partir do centro, Catarina adentrava os bairros desurbanizados e precários da conurbação, sem asfalto, conseqüentemente com muita poeira e lama, mas ela nunca desanimou, lembra. Foi a partir desse trabalho que ela conseguiu, aos poucos, empregar sua renda para construir sua moradia: “Eu só queria saber de trabalhar e juntar, eu dizia para mim mesma: eu quero fazer uma casa, não importa que casa seja. Eu queria dizer algum lugar para dizer que era meu” (Catarina, informação verbal – 2018). O terreno de sua casa foi comprado de um conhecido, que o vendeu de forma facilitada, sem intermediações bancárias, apenas contrato verbal, e assim, depois de pagar as prestações, Catarina registrou o imóvel. A sua casa se somava aos outros poucos imóveis autoconstruídos da área que se tornaria o

centro do Cristo Rei. Na redondeza, havia terrenos vazios, casas espaçadas umas das outras, no horizonte, os pastos dos gados dos padres (área posteriormente loteada, onde foi construído o Seminário Cristo Rei e a Univag).

Catarina fala das transformações no bairro como evolução, pois ela percebeu que muitas pessoas que foram para lá conseguiram, como ela, ir “para frente”, ou seja, se manter na cidade, inclusive abrir seu próprio negócio. Ela, por exemplo, conta orgulhosamente que, por volta de 1980, comprou um terreno na Avenida da Feb e construiu um barracão, que é hoje alugado, e onde funciona uma fábrica de portas e janelas. Com relação ao centro do Cristo Rei, ela avalia: “Se você não quiser ir para Cuiabá aqui tem tudo, tem loja de roupas boas, tem bancos, aqui está desenvolvido e está desenvolvendo, aqui tem tudo, bancos: Itaú, Caixa Econômica Federal, supermercados”. Ela também percebe uma melhora no Centro de Várzea Grande, na oferta de serviços, inclusive na oferta de clínicas particulares.

A entrevistada ainda confidenciou que a sua vida se deu em torno do trabalho, eram poucos os seus momentos de descanso, de engajamento em grupos de igreja (mesmo sendo religiosa, evangélica) e nenhum envolvimento com grupo comunitário de bairro: seu foco era trabalhar e manter sua família. Entretanto, acabava fazendo parte de reuniões de campanha eleitoral (na época Júlio Campos) para angariar votos. Esse envolvimento se dava através do seu trabalho, pois prestava serviços de fotografia, inclusive para os prefeitos e suas famílias (Júlio e Jaime Campos), com quem ela conversava e, às vezes, de quem cobrava benfeitorias para o bairro. Na maioria das vezes, porém, não tinha sucesso, tal como no episódio em que ela e o esposo foram solicitar aterro para uma área alagadiça do bairro, obtendo a seguinte resposta: “não vou mentir para a senhora, não, enquanto eu estiver na prefeitura e puder vim para a prefeitura, eu nunca vou aterrar aquilo” (Catarina, informação verbal – 2018). A prioridade do prefeito, segundo ela, era fazer outras benfeitorias visíveis, para que o povo o valorizasse e sentisse que o prefeito estava cuidando da cidade.

Outro morador que contribuiu para a urbanização do Cristo Rei é o Adalberto, de 24 anos, comerciante, nascido em Várzea Grande. Seu pai é natural de Bauru, São Paulo, e sua mãe, de Paranaíba, Paraná. Adalberto morou por pouco tempo no centro de Várzea Grande, e desde então mora no Cristo Rei. A sua relação com o centro da cidade de Várzea Grande se limitava aos trajetos casa-escola. Eventualmente, encontrava os amigos na praça da escola, andava pelo centro para pagar contas, ir ao terminal e fazer compras nas lojas das principais avenidas. No centro do Cristo Rei, frequentava ainda mais a praça do

bairro, onde jogava basquete com os amigos e participava – e participa – de mutirões para zelar pelo espaço público, esquecido pelo poder público, diz ele. Adalberto analisa a precariedade da vida urbana, por consequência da dissolução dos espaços públicos coletivos de centralidade social em Várzea Grande, a partir da sua relação com o bairro em que vive: “Aqui no Ferreirão tinha Bike, Skate, cineteatro..., mas agora não tem. Então não aproveito nada da cidade. Essa quadra ali nem foi a prefeitura que fez, foi a própria comunidade que juntou o dinheiro, furaram, pintaram, foi a gente mesmo que fez” (Adalberto, informação verbal – 2018).

Ele participa com outros jovens de encontros para discutir os problemas do bairro. Participou, também, do Ocupa Ferreirão e comenta o aprendizado construído coletivamente: “foi a galera mesmo do bairro que ocupava, cuidava do local. Teve maior briga, a prefeitura ia e mandava a polícia lá para retirar, e eles resistiam” (Adalberto, informação verbal – 2018). A solidariedade da comunidade possibilitava encontros e movimentos de ocupação. Alguns se envolviam na organização de batalhas de rap, campeonato de basquete, aulas de capoeira, Karatê, na alimentação, promovendo envolvimento popular, reuniões comunitárias, panfletagem e organização de protestos para chamar atenção dos governantes. A mãe de Adalberto tem uma pequena loja no centro do Cristo Rei há mais de 22 anos, que abriu por conta própria, sem incentivos; antes disso, vendia roupas em uma barraca nas calçadas das ruas. Conseguiu construir uma boa clientela, fato considerado relevante para enfrentamento da crise nas vendas. Adalberto trabalha na loja com sua mãe de domingo a domingo, depois de tentar seu próprio negócio, que funcionou por dois anos. Era um escritório de empréstimo consignado, que acessou políticas de créditos da Caixa Econômica Federal com juros baixos. Porém, a dificuldade de regularização do estabelecimento, somada à queda na taxa de 21% para 10% de comissão ofertada pelos Bancos, prejudicou a manutenção de seus negócios, e o entrevistado se viu obrigado a fechar o estabelecimento em 2014.

Os relatos desses moradores revelam o processo social da produção do espaço urbano e da própria centralidade social que se constitui no bairro Cristo Rei. Evidenciam ainda as dificuldades de reprodução da vida nas periferias autoconstruída ao mesmo tempo que apontam para as possibilidades de reivindicações pelo direito à cidade. O movimento “Ocupa Cristo Rei Skate Parque” se constitui como um espaço de diálogo, sociabilidade, luta e resistência social.

3.2 Ocupa Cristo Rei Skate Parque

A construção da centralidade urbana é social e acontece de acordo com as práticas cotidianas que se estabelecem no lugar, seja ela referente a moradia ou ao trabalho. A apropriação dos espaços públicos e do centro se mostra em sua radicalidade através do movimento “Ocupa Cristo Rei Skate Parque”. Um dos participantes do movimento, natural de Jaciara, interior de Mato Grosso, e morador de Várzea Grande desde 2004, lembra-se de que já existiam grupos de skatistas no bairro Parque do Lago e em praças do Cristo Rei e do Bairro Ipase quando ele chegou à cidade para estabelecer moradia fixa. Por isso, ele afirma que o movimento do ocupa seria como uma continuação desses encontros. O Ginásio Ferreirão passou a ser um espaço coletivo, que agregava a todos: a princípio, ali se reuniam os skatistas, mas posteriormente várias modalidades foram desenvolvidas, tais como jiu jitsu, capoeira, basquete, balé clássico, francês, além de batalhas de rap, cinema e teatro. Por cerca de três anos (2014-2016), o ginásio foi um lugar central de convivência, resistência social e luta pela centralidade urbana para diversos jovens da periferia de Várzea Grande. Muitos deles, sem perspectiva de vida, diante da marginalidade, drogas e violência, puderam ampliar a sua visão crítica sobre a realidade no Ocupa. Ainda assim, o entrevistado lembra: “a gente também perdeu alguns deles para a rua [assassinato], é foi um momento, um processo assim muito forte” (participante do “Ocupa Cristo Rei Skate Parque”, informação verbal – 2018).

Há anos abandonado pelo poder público, o Ginásio Ferreirão passou a ser ocupado pela comunidade do Cristo Rei, sobretudo por jovens, mas o lugar se tornou um centro de disputa entre comunidade e Estado³.

A compreensão da precariedade da vida urbana, a ausência do Estado em promover equidade social e acesso pleno a direitos sociais, além da negação de espaços públicos de qualidade, bem como a experiência da vida social, contribuíram para que os jovens construíssem a gestão coletiva, a partir das suas práticas socioespaciais, em busca pela apropriação espacial, transformando o Ferreirão em uma centralidade social:

[...] o movimento vem para suprir a falta de ações sociais do estado, nas comunidades. Vivemos um completo abandono, que resulta apenas em mais desigualdade, mais violências, prisões e mortes de jovens das

³ “Para a população de Várzea Grande, o Ginásio Poliesportivo Alibel Ferreira da Silva (Ferreirão), no bairro Cristo Rei, transformou-se, ao longo dos anos, no “Ocupa Cristo Rei Skate Parque”. Administrado por jovens da região, o local goza de inúmeros eventos esportivos e culturais. Mas hoje, tornou-se centro de uma disputa. É que a Prefeitura vai demolir a estrutura” (OLHAR DIRETO, 2016).

periferias. Pois o único benefício que chega a nós, por vias legais, são as contas e as opressões das polícias militar e civil. Então sem esperar por eles, exercemos a autogestão (OLHAR DIRETO, 2016) [grifos nosso]⁴.

A organização do “Ocupa Cristo Rei Skate Parque” preza a horizontalidade, a sociabilidade: “a organização sempre se deu muito simples, sempre horizontal, nada fala vertical. Nossa juventude também tem essa necessidade de que todas as coisas, ela sente também a necessidade do protagonismo” (participante do “Ocupa Cristo Rei Skate Parque”, informação verbal – 2018). O entrevistado explica que a demolição do ginásio Ferreirão é, na realidade, uma tentativa de desarticular a organização coletiva do ocupa (Figura 03).

Figura 03 – Mosaico - fotos do Ocupa Cristo Rei Skate Parque – Ginásio Ferreirão – 2016



Fonte: OLHAR DIRETO (2016). Organizado pelo autor 2018.

Por diversas vezes, eles foram retirados do lugar, inclusive sob ameaças e repressões. Para o entrevistado, há cada vez mais a supressão de espaços públicos e de uso coletivo, pois esse é o desejo do Estado burguês. A promessa da família Campos de construir uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA) no local seria apenas uma forma de ganhar a opinião pública e, ao mesmo tempo, retirar dos jovens a oportunidade de ocupar o Ferreirão para uso coletivo:

Era uma tentativa de nos desarticular! Mas nós reorganizamos e continuamos tocando o acampamento, na forma de ocupação, na prática, nossa organização ganhava mais força cada vez mais que eles vinham! E a

⁴ OLHAR DIRETO (2016). Prefeitura de VG inicia demolição de ginásio esportivo utilizado por jovens; local receberá UPA. Disponível em: <http://www.olhardireto.com.br/noticias/exibir.asp?id=414514¬icia=prefeitura-de-vg-inicia-demolicao-de-ginasio-esportivo-utilizado-por-jovens-local-recebera-upa>. Acesso: agosto de 2018.

união do bairro esteve presente, foi a união do bairro que ajudou. Cada vez que eles foram lá e queimaram duas geladeiras, foi lá e apareceu 5 geladeiras para a gente [...] (participante do “Ocupa Cristo Rei Skate Parque”, informação verbal – 2018).

De acordo com o entrevistado, a repressão ao grupo e à comunidade do Cristo Rei manifestou-se de forma radical ao queimarem a biblioteca que foi construída com doações de vários moradores. Na última vez, o próprio Jayme Verissimo de Campos e seus capangas teriam ido ao local em forma de repressão, “foi o único contato, não houve diálogo” (participante do “Ocupa Cristo Rei Skate Parque”, informação verbal – 2018). O entrevistado analisa que isso revela o modelo coronelista que perpetua na cidade: “o modelo coronelista, em que tu tens que ficar calado, de opressões, só que ao mesmo tempo nossa juventude não tem essa visão, do medo. É que o medo é natural do ser humano, só que o que nós fazemos é em prol da comunidade (participante do “Ocupa Cristo Rei Skate Parque”, informação verbal – 2018).

Após a demolição do Ginásio Ferreirão, os jovens que organizavam o Ocupa não tem mais um lugar fixo para realização das atividades culturais, ficando, assim, expostos a tudo, inclusive à repressão policial: “a falta do espaço público é muito pesada, você fica exposto a chuva, ao sol, você fica exposto, por exemplo, você leva um esquadro da polícia, você é tratado como marginal” (participante do “Ocupa Cristo Rei Skate Parque”, informação verbal – 2018). Ainda assim, os jovens do “Ocupa Cristo Rei Skate Parque” continuam realizando encontros, mesmo sem o espaço físico do Ferreirão, sempre com diálogo, troca de ideias e formação política. O integrante do grupo descreve a orientação social do grupo:

Acredito numa liberdade do povo pelo povo, nada além disso. Agora quanto ao movimento, nós nos orientamos por uma ideologia Antifascista. O antifascismo vem contra essas formas de poder que oprimem, é, de diversas formas, seja da mulher ao negro ao jovem, preto ou branco, do trabalhador, no uso dos espaços, da forma autoritária do governo, que nós vivemos desde lá do passado, que a gente viveu quando os fascistas surgiram, e hoje, aqui também. Como a gente acredita que a roupa, seja farda ou terno, eles trocam. O nosso movimento se orienta a partir disso. Onde não houver real liberdade, através da participação popular, não tá bom, e nessa resistência que a gente faz, no fim que a vai aparecer focos novos. Porque de inicio a gente foca nas ações direitas, nós não direcionamos a partilha partidária, nós temos sim nossas disciplinas, nós temos nosso ideais, e eles são muito claros. É uma forma que você resgata a resistência natural da pessoa. Por exemplo, você pode perguntar para qualquer pessoa se alguma vez no mundo ela já parou para pensar como seria esse mundo sem o capital, sem o dinheiro, sabe, as coisas vão no pensamento livre e as

pessoas buscam a liberdade pelo pensamento. E nosso movimento resume num movimento libertário, que engloba tudo isso (participante do “Ocupa Cristo Rei Skate Parque”, informação verbal – 2018).

A partir da fala do entrevistado, podemos constatar que há, nos encontros de mobilização dos jovens do Cristo Rei, busca constante pela organização política a partir da própria comunidade, no sentido de exercício do espaço político – troca de ideias, sociabilidade e encontro. A lógica de uso do espaço manifesta o movimento da centralidade social, pois revela a disputa pelo uso social. Dada a precariedade da vida urbana em Várzea Grande, contraditoriamente, a vivência da centralidade no Cristo Rei, sobretudo no Ocupa Cristo Rei Skate Parque, revela a luta pela conquista de condições objetivas, ou seja, materiais, no tocante à infraestrutura básica.

Os jovens do Ocupa Cristo Rei Skate Parque mobilizaram a comunidade em diversas situações. O entrevistado narra um dos eventos em que os moradores se reuniram para impedir o serviço público de “tampa buraco”. Houve a organização de protesto pela própria comunidade, cada um ajudava de uma forma, participando da cota de dinheiros, na panfletagem, no contato para conseguir carro de som para o ato, dentre outros. Assim, os jovens do ocupa mobilizaram a comunidade: “[...] lançamos a primeira reunião onde saiu tudo, saiu panfletário, data da manifestação, abaixo assinado, saiu tudo! Sem complicação se em burocracia, fechamos com o povo a rua. Fechamos a entrada do bairro, todo mundo que entrava estava com a gente (participante do “Ocupa Cristo Rei Skate Parque”, informação verbal – 2018). Houve duas tentativas de realizar o serviço de “tampa buraco”, mas por duas vezes a comunidade se mobilizou, trancando a rua e parando as máquinas. Com isso, ganharam visibilidade das mídias locais⁵, e a comunidade conseguiu o recapeamento das ruas do bairro, serviço mais completo do que um simples “tampa buraco”.

Mesmo com a conquista do recapeamento das ruas, o grupo do Ocupa continuou a promover diálogos com a comunidade, principalmente para debater, questionar e criticar a gestão do município. Esse aspecto de diálogo e organização coletiva passou a representar uma ameaça ao poder público municipal, por isso, o grupo do Ocupa passou a ser o alvo de perseguição e ameaças pelo poder público, a fim de desmobilizar a comunidade do Cristo Rei. Por diversas vezes, o Ferreirão foi desocupado pelo poder público municipal e reocupado pelos jovens, que sempre contaram com o apoio da

⁵ GAZETA DIGITAL (2018).

comunidade e conseguiram resistir. Depois de várias tentativas, o poder público municipal conseguiu demolir o Ferreirão para dar lugar às obras da construção da Unidade de Pronto Atendimento – UPA. Após a demolição do Ferreirão, os jovens do Ocupa Cristo Rei Skate ocuparam a única biblioteca pública do bairro, local que também estava abandonado há alguns anos pelo poder público. Com a ocupação, a biblioteca foi revitalizada e reaberta à comunidade com o nome "Biblioteca do Povo Capão do Negro" (figura 04), remetendo à origem do bairro e à resistência dos moradores remanescentes quilombolas⁶. Mas o poder público municipal voltou a agir e a desarticular novamente o movimento, desocupando o lugar e retirando dali os livros⁷.

Após a desocupação da Biblioteca do Povo Capão do Negro e, conseqüentemente, do grupo Ocupa Cristo Rei Skate, o lugar ficou fechado para reforma, e, com isso, os jovens do movimento ficaram novamente sem um lugar fixo para promover seus encontros. Em maio de 2018, a biblioteca foi reinaugurada⁸ pelo poder público municipal, na gestão da prefeita Lucimar Campo, esposa do ex-prefeito Jayme Campos.

Figura 04 – Ocupação da Biblioteca municipal pelo grupo Ocupa Cristo Rei Skate Parque (2017)



Fonte: MÍDIA NEWS (2017). Org. _____, 2018.

O entrevistado relata que os presidentes de bairros têm sido cooptados pelo poder público municipal, inclusive tornando a comunidade favorável às parcerias público-privada referentes aos empreendimentos que têm se instalado no bairro, a exemplo do Assaí, que deveria melhorar a infraestrutura da creche do bairro, mas metade da creche ainda continua

⁶ Tal como explicamos quando analisamos a construção do Aeroporto em Várzea Grande. Ver tese de Silva (2019).

⁷ Mídia News (2017).

⁸ Portal Mato Grosso (2018).

derrubada (podemos constatar “in loco” em janeiro de 2018).

As manifestações de resistências sociais identificadas na Conurbação por meio das práticas do movimento Ocupa Cristo Rei Skate Parque, do Slam do Capim Xeroso e dos moradores entrevistados colocam-se como positividade frente à precariedade social existente no lugar. Embora não haja questionamentos claros e amplos do crescimento econômico de Mato Grosso e da produção de centros e centralidades por parte da sociedade, e embora se verifique a precarização das práticas sociais, identificamos a inquietude social em meio à vida concreta e movente. A vida real e concreta revela, assim, o contraditório, a precarização da vida frente ao crescimento econômico da agropecuária: “as elites usam muito o discurso do Estado Mínimo, esse discurso é pra eles e não pra nós, no sentido de eles sonegam, e em nós o chicote estala. E nós não temos o direito de usar o bem público” (participante do “Ocupa Cristo Rei Skate Parque”, informação verbal – 2018).

A prática da centralidade social vivida na Conurbação revela a totalidade social marcada pelo desenvolvimento desigual, revelando que o sistema capitalista se sustenta pela constante espoliação, sobretudo das camadas populares, tornando a prática social cindida, com novos conteúdos da centralidade social cada vez mais dando lugar a uma centralidade econômica, sucumbindo e contrapondo-se aos usos sociais e à apropriação plena da centralidade social. O mundo social que identificamos na Conurbação está sendo selvagemmente reestruturado, e cabe à apropriação social da centralidade criar estratégias espaciais capazes de questionar a reprodução da vida.

Em sentido amplo, as lutas existentes na Conurbação apontam para resistência e luta contra a despossessão⁹ dos direitos precariamente conquistados ou quase inexistentes, tais como o direito à terra, à moradia, ao saneamento e às infraestruturas urbanas básicas, à saúde, ao lazer, à cidade e à urbanidade. O papel do Estado na acumulação por despossessão também ganha relevo na Conurbação, ao constatarmos a prioridade de destinação de recursos financeiros à produção, sobretudo às elites econômicas que, por sua vez, representam as elites políticas de Mato Grosso, enquanto o

⁹ O termo despossessão é compreendido por Harvey (2013) dentro do novo imperialismo, o autor diz: meu argumento é de que o novo imperialismo é uma atividade predatória, internalizada no capitalismo (por exemplo, por meio da privatização, da desindustrialização ou da erosão de direitos de pensão e previdenciário orquestrados em grande parte pelo sistema de crédito e pelo desdobramento dos poderes do Estado). Como este é um processo internalizado contínuo, prefiro chama-lo de “acumulação por despossessão”, em vez de acumulação primitiva. (HARVEY, 2013, p. 20). E completa: “as lutas contra a despossessão (dos direitos de terra, da previdência social, dos direitos à pensão e à atenção à saúde, das qualidades ambientais, da própria vida) têm um caráter diferente das lutas em torno do processo de trabalho que há muito dominaram a política marxista”. (HARVEY, 2013, p. 21).

desenvolvimento social e a promoção da centralidade social são desprezados.

Em entrevista com outros moradores da Conurbação, constatamos inclusive a noção da riqueza produzida em Mato Grosso, da reprodução das desigualdades sociais e da produção coletiva/social da cidade. A entrevistada Aline, por exemplo, afirmou: “Eles só querem lucro para eles, para eles é bom, mas se cada um deles pudesse compartilhar para não deixar ficar do jeito que está. Para você ver, o Hospital Santa Helena e Hospital Geral parou de funcionar” (Aline, informação verbal – 2018). A crítica da entrevistada revela a noção de concentração de renda para uma minoria – “para eles é bom” – e a necessidade de pensar e praticar a socialização dos bens produzidos socialmente, através do compartilhamento dos recursos com a sociedade. O exemplo que ela cita é o serviço de saúde público precário, num momento (janeiro de 2018) em que os servidores da saúde estavam em greve e reivindicavam melhores condições de trabalho e pagamento de salários.

Assim como Aline, Gustavo expõe a sua análise a partir da sua prática enquanto morador e trabalhador urbano: “Eu vejo que tem riqueza, acho que a riqueza que tem aqui vai tudo para fora, acho que deixa a desejar, essa riqueza é concentrada”. Além dele, Carolina diz que falta melhorar muita coisa, as ruas, a segurança, dentre outros. Para ela, não adianta o Estado ser rico, se há corrupção e desatenção ao povo. Nas suas palavras: “roubam todo o dinheiro que é de fazer as coisas para a cidade. Não só para os pobres, para a cidade. Eles (os pobres) também precisam usufruir das coisas boas da cidade” (Carolina, informação verbal – 2018). Essa noção é compartilhada por Adalberto, que alega: “aqui é um celeiro, tem muita grana que vai, mas não volta”, referindo-se à riqueza que não volta em melhorias para a cidade. Para ele, a cidade está abandonada, mas muita gente ainda continua a viver nela e diz que as poucas opções para passeio estão em Cuiabá.

3.3 Slam do Capim Xeroso

O Slam do Capim Xeroso é um movimento que promove encontros e batalhas de poesias faladas em lugares públicos, geralmente em ruas e praças da cidade. Originário dos Estados Unidos da América, o Slam nasceu em 1980 sob influência do rap. As poesias são recitadas em espaços públicos pelo próprio autor. O movimento despontou como um grito da periferia frente à poesia formal, acadêmica e elitizada. Os versos recitados nas batalhas de poesia furtam-se à formalidade e prezam a liberdade e temas da vida cotidiana, com viés político, de constatação do Estado e da dominação de classes, com temáticas

variadas, tais como: discriminação, desigualdade de gênero, racismo, repressão, crítica ao capital, dentre outros.

Um dos idealizadores do Slam do Capim Xeroso, morador de Várzea Grande, é natural do Rio de Janeiro e decidiu realizar a batalha de poesia em Cuiabá após o contato que teve com o “Slam Resistência” em São Paulo. Os encontros acontecem todo final de semana nos bairros da periferia da Conurbação Cuiabá-Várzea Grande e no último sábado de cada mês na Praça da Mandioca, no centro histórico de Cuiabá (figura 05).

:

Figura 05 – Encontro no centro – Batalha de poesia - Slam do Capim Xeroso – 2017



Fonte: Revista camalote, PEDRO, Ivo. (2017¹⁰)

A intenção é trazer cultura para os jovens da periferia, e levá-los a ocupar os espaços públicos do centro da cidade, promovendo o encontro da diversidade em unicidade enquanto ato. Para os idealizadores do movimento, o slam é “uma grande celebração coletiva, uma verdadeira zona autônoma da palavra, onde o sagrado direito à expressão é exercido e o tempo cronológico é suspenso e substituído por um tempo poético” (RDNEWS, 2017).

O idealizador do Slam do Capim Xeroso explica que a ideia é que o poeta transmita a sua mensagem, não necessariamente como manifestação política, mas sim como arte, pois não se pretende fazer dele um movimento sociopolítico.

O entrevistado diz que a maioria das pessoas que participam da batalha de poesia são da periferia e se reúnem no centro para trocar ideias em espaços públicos, mas reconhece que há burocracia para utilizar os centros culturais, tal como a Casa Cuiabana,

¹⁰ Disponível em: <http://www.revistacamalote.com.br/noticias/arte/2017/sarau-leva-arte-para-a-praca-da-mandioca-902>. Acesso: agosto de 2018.

que exige projetos, papelada, e a maioria das pessoas com a prática de fazer cultura periférica acaba por não ter acesso a esses lugares, por não ter uma estrutura e o conhecimento formal necessário; além disso, afirma o entrevistado, a cultura de rua por si só não tem retorno financeiro. Ele conta que a sua vida mudou por meio dos encontros de batalhas de poesia, visto que o único caminho que antes se apresentava para ele era o do crime, mas a partir do contato com outras pessoas no Slam, outras possibilidades e percepção de mundo se abriram. A poesia, para ele, é um instrumento de transformação social, sobretudo dos jovens da periferia:

Vejo a batalha de poesia como uma arma que as pessoas não sabem ainda o poder que ela tem, de abrir portas para outras pessoas e abrir novos caminhos. Então eu acho que a batalha de poesia é libertadora. Então a ideia é trazer as pessoas para uma vivência, na rua, e, uma vivência na rua para a galera poder ver que é uma libertação. A nossa ideia é produzir até, produzir cultura a partir de nós mesmos (Idealizador do “Slam do Capim Xeroso” informação verbal – 2018).

O idealizador do Slam relata que, em outros momentos, participou de mobilizações políticas da Central Única dos Trabalhadores, de grupos anarquistas e de debates acadêmicos nas universidades (embora não fosse matriculado como estudante regular), percebendo, por meio de seu envolvimento, que há uma separação entre a teoria e a vida prática das pessoas. Ele alega, ainda, que as poesias criticam a ordem instituída, por isso, não contam com financiamento de empresas nem do Estado, de forma que os próprios participantes se mobilizam através de rifas para promover os encontros em Cuiabá e custear as idas de poetas em eventos nacionais. Ele se lembra de ter conseguido um momento para recitar poesia em um evento promovido pelo Estado, mas, ao começar a apresentação, logo os organizadores o impediram de continuar, já que seus versos criticavam o Estado.

3.4 A Central Única dos Trabalhadores de Mato Grosso, “Slam do Capim Xeroso”, Ocupa Skate Parque e uso do espaço público

Entrevistamos o diretor da Central Única dos Trabalhadores de Mato Grosso, considerando a relevância da CUT na mobilização de vários grupos sociais em Cuiabá. Ele relatou-nos, sobre o enfrentamento social ao modelo de desenvolvimento do Estado de Mato Grosso que, para ele, está estruturado na concentração de terra e renda, na

destruição do meio ambiente e na precarização do trabalhador. A CUT agrega forças junto aos trabalhadores do campo (MST) e da cidade com os sindicatos, tanto dos setores públicos quanto privados, a fim de construir uma mobilização coordenada frente ao modelo econômico do estado.

O Diretor da CUT/MT relata a dificuldade de ocupação do espaço público para convergência de pessoas no sentido de encontro, sociabilidade e construção de uma agenda política de transformação a partir do coletivo. Um dos empecilhos, segundo ele, é a crescente burocratização dos órgãos públicos para a autorização de encontros de mobilização social nas praças públicas, situação que “dificulta o acesso da diversidade, da ocupação social, da resistência das pessoas” (Diretor da CUT, informação verbal – 2018). Outro entrave são as reformas dos espaços públicos voltadas para o embelezamento da cidade, mas para um formato espacial que dificulta a concentração de pessoas, além da privatização dos espaços públicos, e do monitoramento e controle do estado.

A repressão policial, a privatização dos espaços públicos, o monitoramento e o controle pelo estado também evidenciam-se na fala do idealizador do “Slam do Capim Xeroso”. O Slam acontecia todas as quintas-feiras na Praça da República, no centro de Cuiabá, com o objetivo de recitar poesias autorais através do Rap e de agregar pessoas que têm em comum a intenção de expressar a sua experiência cotidiana perante as situações da vida: “a gente fazia a batalha lá e tal, toda quinta feira, a gente sofria repressão da polícia. A gente virou sempre um alvo, lá virou um centro de treinamento pros praças” (Idealizador do “Slam do Capim Xeroso” informação verbal – 2018).

O idealizador do “Slam do Capim Xeroso” fala sobre a precarização dos espaços públicos de Cuiabá, bem como sobre as demoras nas realizações de reformas. Segundo ele, a Praça Alencastro demorou cerca de um ano para ficar pronta e ser devolvida para a sociedade. Mas, agora, há seguranças 24h por lá, dificultando ainda mais a possibilidade de fazer movimento no lugar. Uma das lideranças do movimento “Ocupa Cristo Rei Skate Parque”, do bairro Cristo Rei, em Várzea Grande, também relata as constantes repressões por parte do poder público municipal, inclusive com a destruição Ginásio Ferreirão, que se localizava na Av. Gonçalo Botelho de Campos, onde havia diversas atividades esportivas, culturais e vivência política de resistência por meio de ocupação do espaço público.

Cuiabá, por ser capital do estado, ter a economia voltada para os setores de comércio e serviços e ser lugar de concentração das decisões políticas é um local estratégico para mobilização social, diz o Diretor da CUT/MT. O MST, por exemplo, tem Cuiabá como um lugar estratégico, mesmo tendo como foco ações de organização e

ocupação de fazendas e de trancamento de rodovias. Por isso, o MST organiza marchas do interior de Mato Grosso para a capital, principalmente para realizar protestos na sede do INCRA/MT, localizada no Centro Político Administrativo – CPA: “Aqui, quando há semana de defesa da terra, da reforma agrária, quando tem assim algumas ações programadas, Cuiabá é o lugar estratégico”. Segundo o entrevistado, a intenção é prejudicar a produção e chamar a atenção para as demandas reivindicadas pelo grupo social: “o foco em Cuiabá é na perspectiva de derrubar os poderes ou ir pra frente do governo, ou ir pra frente da Assembleia Legislativa, ou ir pra frente do INCRA, para ações políticas estratégicas, fazer o ato de massa da classe trabalhadora” (Diretor da CUT, informação verbal – 2018).

Para o Diretor da CUT, há uma aliança muito forte entre os grandes latifundiários, comerciantes e industriários que formam a mesma elite atrasada e reacionária, a exemplo da existência do fórum dos empresários, em que são discutidos o custo da greve e os meios para colocar a população contra os movimentos grevistas, a partir da alegação de que a greve força o aumento dos impostos. Além disso, o fato de Mato Grosso não ser um estado industrializado influencia no nível de consciência e de cultura política dos trabalhadores, contribuindo para a reprodução do modelo econômico agrário do estado, diz o entrevistado.

Quanto à organização dos diferentes grupos sociais na Conurbação, podemos identificar que não há uma unidade forte e coesa dos grupos/movimentos sociais de Cuiabá e Várzea Grande, visto que o diretor da CUT/MT afirma que, em Várzea Grande, é muito difícil fazer movimento social, ainda que em situações específicas tenham sido organizadas mobilizações em conjunto contra o aumento das tarifas do transporte coletivo. Mas o entrevistado reconhece que há protestos, sobretudo em frente à prefeitura de Várzea Grande, quando se trata de movimentos organizados pelo Sindicato dos Trabalhadores do Ensino Público do Mato Grosso – SINTEP. Entretanto, ele acredita que os trabalhadores de Várzea Grande ficam reféns dos movimentos sociais de Cuiabá, e questiona o fato de não existir um movimento originário e orgânico em Várzea Grande, mesmo sabendo que ela é a segunda maior cidade de Mato Grosso e enfrenta problemas de urbanização e infraestrutura. Na análise do entrevistado, porém, Cuiabá também cumpre de forma muito precária o exercício político de movimento social.

Para um dos representantes do movimento Ocupa Cristo Rei Skate Parque em Várzea Grande, o fato de a cidade concentrar a classe trabalhadora em sua maioria contribui para que as ações sociais desse movimento sejam mais firmes e de enfrentamento com maior radicalidade: “Nós aqui em VG, temos uma postura mais agressiva. Creio que também pela escola que é Várzea Grande, 100% proletária mesmo. Acho que nós temos

uma visão mais firme quanto virar uma bandeira politqueira, sabe?” (Representante do Ocupa Cristo Rei Skate Parque, informação verbal – 2018). O entrevistado completa “Somos uma bandeira libertária enquanto um posicionamento proletário, de voz e de poder das discussões na rua”, ao citar as ações do movimento social, comparado à abstenção dos sindicatos que se absteve quanto à votação de pautas de privatização, enquanto que Ocupa partiram para a ação de resistência, comumente chamado pela mídia de vandalismo.

O Diretor da CUT/MT problematiza a questão da criminalização dos movimentos sociais, bem como o contexto político e econômico que, de forma geral, busca a manutenção do modelo de crescimento econômico adotado no estado. A articulação entre a classe política, os produtores da agropecuária, os empresários, a mídia, o judiciário e todas as facetas do poder Estatal culminou no Golpe, que alguns denominam de Impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff. Para o entrevistado, os setores econômicos do estado são muito bem articulados e representados pela Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Mato Grosso (FAMATO), pela Federação das Indústrias do Estado de Mato Grosso (FIEMT), [e] a Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de Mato Grosso (FECOMÉRCIO-MT) e por meio de atuações no Parlamento Estadual, na gestão pública do estado e dos municípios, a fim de manter a lógica econômica de Mato Grosso. Além disso, a elite mato-grossense – empresarial e política – impede qualquer candidatura popular que vier a questionar o modelo econômico do estado.

O entrevistado alega que praticamente não há possibilidades de os movimentos sociais terem aliados estratégicos com os políticos partidários, considerando que a maior parte deles se alinha à bancada ruralista. O diretor da CUT/MT cita os políticos que votaram a favor de pautas de austeridade fiscal, tal como Zeca Viana, aliado ao agronegócio. Frente a esse contexto de dominação política e econômica e de ameaças de retrocessos sociais – política de austeridades fiscais, redução dos investimentos sociais, reforma trabalhista, dentre outros –, a CUT procurou somar forças à Frente Brasil Popular, criada no cenário de crise política que resultou no Golpe de Estado de 2016.

A Frente Brasil Popular em Mato Grosso agrega 29 entidades (dentre eles: Juventude Revolução, Sindicato dos Trabalhadores do Ensino Público de Mato Grosso. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST e União Estadual dos Estudantes¹¹), possibilitando agregar segmentos sociais para troca de ideias, construção de pautas coletivas e mobilizações sociais, bem como para criação de espaços de diálogo

¹¹ Ver lista completa em Olhar Direto (2020).

e resistência com a sociedade. O entrevistado indaga: como unir a classe trabalhadora em resistência a esse modelo de crescimento econômico de Mato Grosso? Para ele, é preciso pensar em mudanças para além das eleições – situação que os partidos considerados de esquerda, de modo geral, permanecem tendo como foco.

Sobre o contexto atual do Brasil, o Diretor da CUT/MT observa o desmonte dos direitos sociais adquiridos, a diminuição da renda do trabalhador, o avanço dos novos tipos de contratação de trabalho sem vínculos com a CLT, a flexibilização do trabalho, bem como o desmonte da organização sindical com o fim do imposto sindical. Todas essas questões contribuem para o enfraquecimento do trabalhador enquanto classe, dificultando a construção coletiva por meio das organizações sindicais.

De modo geral, o entrevistado problematiza a crescente falta de representatividade política diante do panorama de crises (econômica, política, social), o aprofundamento do individualismo na sociedade moderna e a dificuldade da construção de uma pauta coletiva. O Diretor da CUT/MT reconhece que o grande erro dos representantes sociais foi focar no trabalhador e seu espaço de trabalho ao invés de se direcionarem para a periferia, para os bairros e igrejas, onde a vida prática e social acontece e onde seria possível construir coletivamente outra realidade.

As falas dos entrevistados da CUT e do Slam evidenciam a potencialidade de construção coletiva de reivindicações do espaço público e da cidade enquanto espaço social e possível da apropriação. Entretanto, há ainda um longo trajeto de unificação dos moradores e trabalhadores a fim de que construam uma agenda efetivamente anticapitalista, capaz de romper com as relações de dominação de classe e de lutar pela construção de uma centralidade social efetiva. O movimento Ocupa Cristo Rei Skate Parque também ganha destaque nesse processo de fortalecimento da centralidade social.

As análises realizadas pelos entrevistados a respeito da riqueza produzida socialmente em Mato Grosso e a sua apropriação privada pelos grupos econômicos guarda, no nosso entendimento, uma potência de contestação e ampliação das lutas urbanas. Entretanto, conforme a literatura, a construção e formulação da luta anticapitalista devem oferecer respostas a três questões: 1) Enfrentamento do acúmulo e riqueza mundial para superação da pobreza – tal como dizia Marx, o “reino da liberdade só acontece quando supera o reino das necessidades”; 2) Degradação ambiental (material, espiritual e moral), necessidade de mudança no estilo de vida; 3) Abolição da lei capitalista do valor - abolição da classe dominante (HARVEY, 2014). Em comum com o conteúdo da luta de classe está o descontentamento social com o ciclo da mercadoria; o entendimento de que a

urbanização é produzida socialmente, no processo de produção-circulação e consumo; de que as lutas não se restringem ao mundo do trabalho, mas ocorrem em torno das condições de vida urbana cotidiana; de que há uma conformação subjetiva e de consciência política dos grupos marginalizados; os espaços comunitários fundamentais para formação de laços de solidariedade e de desenvolvimento político e social em grandes dimensões; o direito à cidade como direito coletivo, de todos os que buscam a reprodução da vida cotidiana.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A centralidade urbana social manifesta as resistências cotidianas pela reprodução da vida na cidade capitalista. Constatamos que os moradores do bairro Cristo Rei construíram as suas casas, o bairro e uma centralidade social relevante. Identificamos os laços de solidariedade, certa organização social para reivindicação de direitos sociais e coletivos e luta pelo uso e apropriação do espaço público, prezando o valor de uso, a solidariedade, a sociabilidade a troca de saberes e construção de diálogo e agenda política.

Os entrevistados, cada qual com suas visões de mundo têm noção da estruturação econômica de Mato Grosso, da dominação das elites agrárias e urbanas locais, da riqueza econômica concentrada em poucas mãos e da desigualdade social enraizada na Conurbação como fruto da sociedade capitalista. O desafio que identificamos neste trabalho é o de como subverter essa lógica perversa e desumana na produção centralidade urbana social na Conurbação. Essa subversão, no nosso entendimento, pode se realizar pela reivindicação social da gestão coletiva da cidade e das resistências cotidianas que borbulham na tessitura da prática social, mas que precisam ganhar novas proporções e intensidades.

A gestão coletiva da cidade perpassa a compreensão social da contradição do fato de a Conurbação se tornar cada vez mais o centro de gestão do agronegócio e, ao mesmo tempo, poder ser o centro de resistência e centralidade social e de gestão coletiva, posto que os movimentos sociais e os trabalhadores como um todo podem assumir a Conurbação como escala estratégica para ação e “parar a produção” (visto que os maiores fluxos financeiros e decisões políticas estão na Conurbação) para reivindicar a socialização da riqueza produzida socialmente e abarcada pelo agronegócio e, ainda, pressionar o Estado para promoção de novas políticas sociais como forma de socializar e gerir coletivamente a riqueza produzida, potencializando a crítica ao modelo produtivo capitalista, criando novas possibilidades de viver e se realizar na cidade, subvertendo as lógicas existentes e

produzindo uma cidade com justiça e equidade social.

REFERÊNCIAS

GAZETA DIGITAL. **Moradores coletam assinaturas para 'derrubar' prefeito de VG e 21 vereadores.** Disponível em:

<http://www.gazetadigital.com.br/conteudo/show/secao/10/og/1/materia/440837/t/moradores-coletam-assinaturas-para-derrubar-prefeito-de-vg-e-21-vereadores>> Acesso em: ago. 2018.

HARVEY, D. **Os limites do capital.** Tradução de Magda Lopes. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2013.

HARVEY, D. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana.** Martins Fontes, São Paulo, 2014.

LEFEBVRE, H. **Re-produção das relações de produção.** Publicações Escorpião. Cadernos: O homem e a sociedade. Porto, 1973.

LEFEBVRE, H. **A revolução urbana.** Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1999.

LEFEBVRE, H. **A produção do espaço.** Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000.

LEFEBVRE, H. **Espaço e Política.** Belo Horizonte, BH. UFMG, 2008.

MARX, K. **Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política/Karl Marx.** Boitempo, São Paulo, 2011.

MÍDIA NEWS (2017). **Prefeitura de VG retira livros de biblioteca de movimento social.** Disponível em: < <https://www.midianews.com.br/cotidiano/prefeitura-de-vg-retira-livros-de-biblioteca-de-movimento-social/304980>> Acesso em: ago. 2018.

OLHAR DIRETO. **Prefeitura de VG inicia demolição de ginásio esportivo utilizado por jovens; local receberá UPA.** 2016. Disponível em:

<<http://www.olhardireto.com.br/noticias/exibir.asp?id=414514¬icia=prefeitura-de-vg-inicia-demolicao-de-ginasio-esportivo-utilizado-por-jovens-local-recebera-upa>>. Acesso em: ago. 2018.

OLHAR DIRETO. **Frente Popular com 29 entidades faz protesto em Cuiabá para defender Dilma e Lula.** 2016. Disponível em:

<<http://www.olhardireto.com.br/noticias/exibir.asp?id=417466¬icia=frente-popular-com-29-entidades-faz-protesto-em-cuiaba-para-defender-dilma-e-lula>> Acesso em: jan. 2019. Organizado pelo autor, 2019. (2020).

PORTAL MATO GROSSO. **Prefeitura reinaugura biblioteca municipal do bairro Cristo Rei.** 2018. Fonte: <https://portalmatogrosso.com.br/prefeitura-reinaugura-biblioteca-municipal-do-bairro-cristo-rei/>. Acesso em: ago. 2018.

RDNEWS. **Slam poetry cresce e expande o poder da literatura falada em Cuiabá.** 2017. Disponível em: <<http://www.rdnews.com.br/final-de-semana/arte-e-cultura/slam-poetry-cresce-e-expande-o-poder-da-literatura-falada-em-cuiaba/80580>>. Acesso em: ago. 2018.

REVISTA CAMALOTE. **Sarau leva arte para a Praça da Mandioca.** 2017. Disponível em: <<http://www.revistacamalote.com.br/noticias/arte/2017/sarau-leva-arte-para-a-praca-da-mandioca-902>> Acesso em: ago. 2018.

SILVA, R. B. da. **Produção de Centros e Centralidades Urbanas na Conurbação Cuiabá-Várzea Grande – MT.** Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade de Brasília, 2019.

SPOSITO, M. E. B. Segregação socioespacial e centralidade urbana. In: VASCONCELOS, P.; CORREA, R. L., PINTAUDI, S. (Org.). **A cidade contemporânea: segregação espacial.** São Paulo: Contexto, 2013.
